

FONOLOGIA E PROSÓDIA DO KAINGANG FALADO EM CACIQUE DOBLE

Marcelo Pinho De Valhery JOLKESKY¹

RESUMO: Este artigo descreve o sistema fonológico e prosódico da língua Kaingang falada na terra indígena (TI) Cacique Doble, situada no município de mesmo nome, na região do Alto Uruguai, Rio Grande Do Sul. Compreende duas seções: §1. Fonética e Fonologia e §2. Prosódia. A primeira seção consta de: §1.1 um esboço dos segmentos fonéticos do Kaingang de Cacique Doble; a descrição §1.2 dos fonemas vocálicos e consonantais com base nos critérios de variação livre, distribuição complementar e oposição, discriminando suas realizações nos seus diversos ambientes e §1.3 do padrão silábico e acentual da língua, assim como da distribuição dos fonemas em onset e em coda. Este estudo fonológico apóia-se no modelo representacional da Geometria dos Traços desenvolvido por Mohanan (1982) e Clements & Hume (1995) dentre outros e adota conceitos formulados pelas teorias clássica e auto-segmental. Na segunda seção exponho algumas considerações sobre a prosódia da língua, baseando-me nos modelos teóricos de Nespor & Vogel (1986) e Selkirk (1984; 1995), buscando elucidar questões referentes à interface fonologia/morfossintaxe.

Palavras-chave: Fonética; Fonologia; Prosódia; Língua Kaingang .

ABSTRACT: This article describes the phonological and prosodic system of the Kaingang language spoken in the Cacique Doble Indigenous Area, located at the district with the same name, near the Alto Uruguay river basin, in Rio Grande do Sul. This study has two main sections: §1. Phonetics and Phonology and §2. Prosody. The first section encompass: §1.1 a sketch of the phonetic segments used in this variety; §1.2 a description of the vocalic and consonantal phonemes based on criteria of free variation, complementary distribution and opposition, and §1.3 its syllable structure and accentual pattern, as well as its phonemic distribution. This study is based on the representational model of the Features Geometry developed by Mohanan (1982) e Clements & Hume (1995) among others and adopts the concepts formulated by the classical and the auto-segmental phonological theories. The second section features some considerations about its prosody and fetches some questions on the phonology-morphosyntax interface, taking into account the theoretical models developed by Nespor & Vogel (1986) and Selkirk (1984; 1995).

Keywords: Phonetics; Phonology; Prosody; Kaingang language.

1. Fonética e Fonologia

1.1. Fonética

Os quadros 1-2 resumizam o inventário fonético da língua Kaingang² de Cacique Doble.

¹ Mestrando em lingüística pelo programa de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

² A língua kaingang é falada por aproximadamente 30.000 falantes espalhados em 30 TIs pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, pertence ao sub-ramo meridional da família lingüística Jê juntamente com o Xokleng e o Kaingang Paulista. Wiesemann (1972; 1983) divide a língua em cinco dialetos, assim distribuídos: (i) São Paulo, entre os rios Tietê e Paranapanema; (ii) Paraná, entre os rios Paranapanema e Iguaçu; (iii) Central, entre os rios Iguaçu e Uruguai; (iv) Sudoeste, ao sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo (e mais algumas famílias em Votouro); (v) Sudeste, ao sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo. Segundo esta classificação, o Kaingang falado na TI Cacique Doble pertenceria dialetologicamente à subárea sudeste. O corpus utilizado nesta análise foi coletado entre 26 de outubro e 09 de novembro de 2008 e contém os seguintes tipos de dados: elicitados (listas de palavras, questionários e construções gramaticais planejadas com o objetivo de esclarecer questões específicas da análise); produções espontâneas; diálogos.

Quadro 1: Fones consonantais	bilabial	dental	alveolar	palatal	velar	glotal
oclusiva	p b	t̪	t d	c ʃ	k g	ʔ
oclusiva longa						ʔ̃
oclusiva nasalizada		t̪ː	tː	cː	kː gː	
oclusiva pré-nasalizada	^m p ^m b	^{n̪} t̪	ⁿ t ⁿ d	^ɲ c ^ɲ ʃ	^ŋ k ^ŋ g	
oclusiva pos-nasalizada		b ^m	d ⁿ	ʃ ^ɲ	g ^ŋ	
oclusiva não explodida	b ^ɿ		d ^ɿ	ʃ ^ɿ	g ^ɿ	
oclusiva pré-nasalizada não explodida	^m b ^ɿ		ⁿ d ^ɿ	^ɲ ʃ ^ɿ ^ŋ g ^ɿ		
oclusiva pré-nasalizada labializada					^ŋ g ^w	
oclusiva labializada					g ^w	
africada	p̪ɸ			c̪ç		
africada nasalizada	p̪ɸ̃			c̪ç̃		
nasal	m		n	ɲ	ŋ	
nasal labializada					ŋ ^w	
fricativa	ɸ β			ç		h
fricativa nasalizada	ɸ̃ β̃			ç̃		h̃
aproximante	w		ɹ	j		
aproximante nasalizada	Ẃ		ĩ	ĩ		
tepe			r	r ^j		
tepe nasalizado			ĩ	ĩ ⁿ		

Quadro 2: Fones vocálicos			
i, ɨ, ĩ			u, ʉ, ù
	ɪ, ɨ		ʊ, ʉ
e, ɛ	ə, ɘ	ɤ, ɥ	o, ɔ
ɛ, ɛ̃, ẽ	ɜ, ɞ	ɐ, ɐ̃	ɔ, ɔ̃, õ
		ɶ, ɷ	

1.2. *Fonologia*

A língua Kaingang apresenta vinte e sete fonemas segmentais, dentre os quais treze são consonantais – divididos em três oclusivas (/p/, /t/, /k/) e dez contínuas (/m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/, /ɸ/, /ç/, /h/, /w/, /ɹ/, /j/) – e catorze vocálicos. Os fonemas vocálicos dividem-se em nove orais (/a/, /ʌ/, /ɤ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/) e cinco nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/).

Quadro 3: Fonemas Consonantais e Vocálicos

	bilabial	alveolar	palatal	velar	glotal		+ant	– ant	
								[– arred]	[+arred]
[– cont]	/p/	/t/		/k/	/ʔ/				
[+cont] [+nas]		/m/	/n/	/ɲ/	/ŋ/				
[+cont] [–nas]	/ɸ/ /w/	/ɹ/	/ç/ /j/		/h/				
						alta	/i/, /ĩ/	/ɤ/	/u/, /ũ/
						média	/e/	/ʌ/, /ã/	/o/
						baixa	/ɤ/, /ẽ/	/a/	/ɔ/, /õ/

1.2.1. *Oposição dos segmentos.*

A seguir serão demonstradas as oposições entre os segmentos consonantais e entre os vocálicos encontradas no corpus de análise. Consoantes: /p/ x /b/: /'pɔ/ “pedra” /'bɔ/ “vagem”; /p/ x /ɸ/: /'pã/ “roça” /'ɸã/ “chorar”; /w/ x /ɸ/: /'we/ “irmã” /'ɸe/ “coração”; /p/ x /w/: /'pĩ/ “fogo” /'wĩ/ “idioma”; /m/ x /w/: /'mõn/ “repetir” /'wõn/ “taquara”; /m/ x /ɸ/: /'mɤ/ “rabo” /'ɸɤ/ “semente”; /t/ x /ɹ/: /'tɔg/ “seco” /'ɹɔg/ “engolir”; /n/ x /ɹ/: /'noɹ/ “buraco” /'ɹoɹ/ “redondo”; /n/ x /t/: /'nĩ/ “carne” /'tĩ/ “ir”; /ç/ x /j/: /'çɔɲ/ “espinho” /'jɔɲ/ “riscar”; /ç/ x /ɲ/: /'çɔɲ/ “espinho” /'ɲɔɲ/ “inchaço”; /ɲ/ x /n/: /'ɲin/ “espinha dorsal” /'nin/ “tubérculo”; /k/ x /ŋ/: /'kãẽ/ “filho” /'ŋãẽ/ “doce”; /k/ x /h/: /'ka/ “árvore” /'ha/ “agora”; /ŋ/ x /h/: /ŋɔŋ'ŋɔŋ/ “nublado” /hɔŋ'hɔŋ/ “cachorro do mato”. Vogais. (i) entre vogais orais: /i/ x /ɤ/ x /u/: /'ɸi/ “colocar” /'ɸɤ/ “semente” /'ɸu/ “vagina”; /e/ x /ʌ/ x /o/: /'je/ “grama” /'ɹʌ/ “sinal” /'ɹo/ “sp. abelha”; /ɤ/ x /a/ x /ɔ/: /'mɤ/ “gostar” /'mʌ/ “carregar” /'mɔ/ “espiga”; /ɤ/ x /e/ x /i/: /'mɤ/ “gostar” /'me/ “líquido” /'mi/ “minúsculo”; /a/ x /ʌ/ x /ɤ/: /'ta/ “chuva” /'tʌ/ “lá” /'tɤ/ “caitê”; /ɔ/ x /o/ x /u/: /'ɹɔ/ “cerca” /'ɹo/ “sp. abelha” /'ɹu/ “esteira”; /ɤ/ x /ʌ/ x /u/: /'tɤɲ/ “fazer comprado” /'tʌɲ/ “verde” /'tuɲ/ “moer”; /i/ x /ʌ/ x /ɔ/: /'mi/ “minúsculo” /'mʌ/ “sogra” /'mɔ/ “vagem”; /e/ x /ɤ/ x /ɔ/: /'ɹɔ/ “cerca” /'ɹo/ “sp. abelha” /'ɹu/ “esteira”; /ɤ/ x /ɤ/ x /o/: /'nɤ/ “caixa” /'nɤ/ “rir” /'no/ “flecha”; /e/ x /a/ x /u/: /'je/ “grama” /'ɹa/ “queixo” /'ɹu/ “esteira”; /i/ x /a/ x /o/: /'ki/ “dentro” /'ka/ “árvore” /'ko/ “comer”. (ii) entre vogais nasais: /ẽ/ x /õ/ x /ĩ/: /'mẽŋ/ “criação” /'mõŋ/ “carregar” /'mĩŋ/ “onça”; /ĩ/ x /ũ/ x /õ/: /'tĩŋ/ “andar” /'tũŋ/ “falecer” /'tõŋ/ “novo”; /ẽ/ x /ã/ x /ũ/: /'pẽn/ “pé” /'pãn/ “cobra” /'pũn/ “queimar”; /ĩ/ x /ã/ x /õ/: /'ɹĩ/ “buscar” /'ɹã/ “quente” /'ɹõ/

“sol” (iii) entre vogais orais e nasais: /i/ x /ĩ/: /^lti/ “ele” /^ltĩ/ “jataí”; /ɛ/ x /ẽ/: /^lnɛ/ “caixa” /^lnẽ/ “o que?”; /ɔ/ x /õ/: /^lmɔ/ “vagem” /^lmõ/ “jabuticaba”; /u/ x /ũ/: /^lɲu/ “chama” /^lɲũ/ “tucano”; /ʌ/ x /ã/: /^lɪʌ/ “sinal” /^lɪã/ “quente”.

1.2.2. Descrição e distribuição dos fonemas.

A seguir serão apresentados os fonemas consonantais e vocálicos, sua distribuição e variações alofônicas. As realizações apresentadas a seguir para cada um dos fonemas correspondem àquelas concernentes aos limites internos de um sintagma fonológico (veja §2.4).

1.2.2.1. Consoantes.

Oclusiva bilabial /p/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras, tanto átonas como tônicas. Realiza-se como oclusiva bilabial surda [p] em sílaba inicial, depois de vogais orais ou de consoantes: /pe^lpo/ [pɪ^lpo] “sapo”; /pĩ/ [pĩ] “fogo”. Depois de vogais nasais se realiza como oclusiva bilabial surda pré-nasalizada [^mp]: /jã^lpã/ [jã^lm^pã] “foice”. Oclusiva alveolar /t/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras. Em sílaba inicial ou depois de vogais orais realiza-se como oclusiva alveolar surda [t] em alternância livre com a oclusiva dental surda [t̚] tanto em sílabas átonas como tônicas: /^lta / [t̚a] ~ [t̚a] “chuva”. Em sílabas pós-tônicas, seguida de vogal alta anterior ou antecedida por consoante palatal, se realiza opcionalmente como fricativa palatal surda [ç]: /^lmoɲ tĩ/ [m^lbog^ltĩ] ~ [m^lbog^lcĩ] “cresce”. Depois de vogais nasais se realiza como oclusiva alveolar surda pré-nasalizada [ⁿt] em alternância livre com a oclusiva dental surda pré-nasalizada [ⁿt̚]: /jã^ltã/ [jã^ln^tã] ~ [jã^ln^{t̚}ã] “urubu”. Ocorre como oclusiva alveolar surda longa [t:] em alternância livre com a oclusiva dental surda longa [t̚:], quando antecedida por consoante nasal homorgânica. Caso a nasal antecessora seja palatal, /t/ ocorre como fricativa palatal surda longa [ç:]: /^lhan tĩ/ [hãt̚:ĩ] ~ [hãç:ĩ] “faz”; /ã^lɾoɲ ti/ [ã^lɾoç:i] “o arroz”. Oclusiva velar /k/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras. Realiza-se como oclusiva velar surda [k] em sílaba inicial e nas demais sílabas das palavras – quando a vogal anterior for oral, seja seguida pela aproximante alveolar /ɹ/ ou por vogais orais ou nasais. /^lkɛ/ [kɛ] “balaio”; /^lkẽj/ [kẽj] “cesto”. Em sílabas pré-tônicas realiza-se como oclusiva velar sonora pré-nasalizada [^ŋg] quando antecedida por vogal ou consoante nasal heterorgânica, e como oclusiva velar sonora longa [g:] quando antecedida por consoante homorgânica: /ẽɲ ko^lɸã/ [ẽ^ŋg:o^lɸã] “nossos antepassados”. Em sílabas tônicas, quando a vogal anterior for nasal,

realiza-se como oclusiva velar surda pré-nasalizada [ᵑk]: /ɪᵑ'ke/ [ĩᵑ'ᵑke] “tarde”. Em sílabas tônicas e pós-tônicas ocorre como oclusiva velar surda longa [k:], quando antecedida por consoante nasal homorgânica: /'nuᵑ ki/ ['nduk:i] “na barriga” /ᵑaᵑ 'kɪẽ/ [ᵑa'k:ĩẽ] “filhos dela”. Oclusiva glotal /ʔ/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras. Em ambiente oral, realiza-se como oclusiva glotal [ʔ] e em ambiente nasal como oclusiva glotal nasalizada [ᵑʔ]: /ᵑo'ʔoɪ/ [ᵑo'ʔoɪ] “barro”; /ʔẽᵑ/ [ᵑʔẽᵑ] “nós”. Nasal bilabial /m/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras e em coda. Em onset, precedida por vogal oral, realiza-se como oclusiva bilabial sonora pós-nasalizada [bᵐ] quando seguida de vogais nasais, e como oclusiva bilabial sonora [b] quando seguida de vogais orais: /ko mũ/ [kobᵐũ] “comeu”; /kɔmɔᵑ/ [kɔᵑbɔᵑ] “mofado”. Em início de palavra ou quando precedida por consoante ou vogal nasais, ocorre como oclusiva bilabial sonora pré-nasalizada [ᵐb] se seguida de vogais orais e como nasal bilabial [m] se seguida de vogais nasais. O espriamento da nasalidade não é afetado pela presença da aproximante /ɹ/ em onset complexo: /kᵑmenĩ'ka/ [kᵑᵐbedᵐĩ'ᵑka] “veado pardo”; /kẽᵑmĩ/ [kẽᵑmĩ] “caçar”. Em coda, precedida por vogal oral, realiza-se como oclusiva bilabial sonora não explodida [bᵑ] antes de consoantes surdas e como oclusiva bilabial sonora pós-nasalizada [bᵐ] antes de ambiente nasal: /kɔmkɔm'ke/ [kɔᵑbᵑkobᵑ'ke] “raio”; /'gem ja/ [ᵑgebᵐja] “guardado”. Quando precedida de vogal nasal, ocorre em coda como oclusiva bilabial sonora não explodida pré-nasalizada [ᵐbᵑ] antes de consoantes surdas e como nasal bilabial [m] antes de ambiente nasal: /'ᵑᵑm tĩ/ [ᵑᵑᵑᵐbᵑtĩ] “quebra”; /'nĩm 'wẽ/ [ᵑnĩmᵑwẽ] “ dá”. Nasal alveolar /n/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras e em coda. Em onset, precedida por vogal oral, realiza-se como oclusiva alveolar sonora pós-nasalizada [dᵑ] quando seguida por vogal nasal, e como oclusiva alveolar sonora [d] quando seguida por vogal oral: /'ᵑe nĩ/ [ᵑgedᵑĩ] “parecido”; /'ᵑa 'noɪ/ [ᵑga'doɪ] “buraco”. Em início de palavra ou se precedida por consoante ou vogal nasais, ocorre como oclusiva alveolar sonora pré-nasalizada [ᵑd] quando seguida de vogais orais e como nasal alveolar [n] quando seguida de vogais nasais: /pᵑ'noᵑ/ [pᵑᵑdᵑ] “morro”; /'tũnĩ/ [ᵑtũnĩ] “não é”. Em coda, precedida por vogal oral, realiza-se como oclusiva alveolar sonora não explodida [ᵑd] antes de consoantes surdas e como oclusiva alveolar sonora pós-nasalizada [dᵑ] antes de ambiente nasal: /'kɪoᵑ kã/ [ᵑkroᵑkã] “bebendo”; /'ᵑɹuᵑ wã/ [ᵑgrudᵑwã] “jaguatirica”. Quando precedida de vogal nasal, ocorre como oclusiva alveolar sonora não explodida pré-nasalizada [ᵑᵑd] antes de consoantes surdas e como nasal alveolar [n] antes de ambiente nasal: /'nẽᵑ 'pũ/ [ᵑnẽᵑᵑpũ] “mata queimada”; /'pẽᵑ 'mɹɹɹ/ [ᵑpẽᵑᵑmɹɹɹ] “pé quebrado”. Nasal palatal /ɲ/: ocorre em posição de onset em quaisquer

sílabas das palavras e em coda. Em onset, precedida por vogal oral, realiza-se como oclusiva palatal sonora pós-nasalizada [jⁿ] quando seguida por vogal nasal, e como oclusiva palatal sonora [j] quando seguida por vogal oral. Em início de palavra ou se precedida por consoante ou vogal nasais, ocorre como oclusiva palatal sonora pré-nasalizada [j̃] quando seguida de vogais orais e como nasal palatal [ɲ] quando seguida de vogais nasais: /kɑɲin'ɲiɹ/ [kɑɲidⁿɲiɹ] “brincar pl.”; /'ɲãɲ/ [ɲãɲ] “esmagar”. Em coda, precedida por vogal oral, realiza-se como oclusiva alveolar sonora pré-palatalizada não explodida [j̃^r] antes de consoantes surdas e como oclusiva palatal sonora pré-palatalizada pós-nasalizada [j̃ⁿ] antes de ambiente nasal: /ɲupⁿtat/ [ɲgu^{j̃}ɲⁿtat] ~ [ɲgu^{j̃}ɲⁿcat] “lagartixa”; /'hiɲ wẽ/ [hi^{j̃}ɲwẽ] “é tatu de rabo mole”. Quando precedida de vogal nasal, ocorre como oclusiva palatal sonora não explodida pré-nasalizada [j̃ⁿ] antes de consoantes surdas, como nasal palatal [ɲ] antes de ambiente nasal: /põɲkɪɑ/ [põⁿɲⁿkɪɑ] “rins”; /kɪẽɲ'ɲɪẽɲ/ [kɪẽⁿɲⁿɪẽɲ] “irara”. Nasal velar /ŋ/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras e em coda. Em onset, precedida por vogal oral, realiza-se como oclusiva velar sonora pós-nasalizada [gⁿ] em alternância livre com a oclusiva velar sonora pós-nasalizada e pós-velarizada [g^{nw}] quando seguida por vogal nasal, e como oclusiva velar sonora [g] em alternância livre com a oclusiva velar sonora pós-velarizada [g^w] quando seguida por vogal oral. Em início de palavra ou se precedida por consoante ou vogal nasais, ocorre como oclusiva velar sonora [g] em alternância livre com oclusiva velar sonora pré-nasalizada [g̃] e com a oclusiva velar sonora pré-nasalizada e pós-velarizada [g̃^w] quando seguida de vogais orais e como nasal velar [ɲ] em alternância livre com a nasal velar pós-velarizada [ɲ^w] quando seguida de vogais nasais. O espriamento da nasalidade não é afetado pela presença da aproximante /ɹ/ em onset complexo: /ɲɔɲ/ [ɲɔɲⁿ] ~ [ɲ^wɔɲⁿ] ~ [ɲⁿɔɲⁿ] ~ [ɲⁿg^wɔɲⁿ] “bugio”; /ɲõɹ/ [ɲõⁿɹ] ~ [ɲⁿõ^wɹ] ~ [ɲõⁿɹ] ~ [ɲⁿõ^wɹ] “milho”. Em coda, precedida por vogal oral, realiza-se como oclusiva velar sonora não explodida [g^r] antes de consoantes surdas, como oclusiva velar sonora pós-nasalizada [gⁿ] antes de ambiente nasal: /'mɛɲ 'pu/ [bɛg^r'pu] “cabo do machado”; /kuɲnõɲ/ [kugⁿ'nõɲ] “podre”. Quando precedida de vogal nasal, ocorre como oclusiva velar sonora não explodida pré-nasalizada [g̃ⁿ] antes de consoantes surdas, como nasal velar [ɲ] antes de ambiente nasal: /mĩɲ'çɹ/ [mĩⁿɲⁿ'çɹ] “onça preta”; /kẽɲ'mĩ/ [kẽⁿɲⁿ'mĩ] “caçar”. Fricativa bilabial /ɸ/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras, tanto átonas como tônicas. Realiza-se como fricativa bilabial surda [ɸ] quando seguida de vogal oral e como fricativa bilabial surda nasalizada [ɸ̃] quando seguida por vogal nasal. Em onset de sílaba inicial realiza-se opcionalmente como africada bilabial surda [pɸ] quando seguida de vogal oral e como africada bilabial surda nasalizada [pɸ̃]

quando seguida por vogais nasais: /kɑ'fɛj/ [kɑ'fɛj] “flor”; /'fɛ/ ['fɛ] ~ ['pɛ] “semente”; /'fɛ̃/ ['fɛ̃] ~ ['pɛ̃] “chorar”. Fricativa palatal /ç/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras, tanto átonas como tônicas. Realiza-se como fricativa palatal surda [ç] quando seguida de vogal oral e como fricativa palatal surda nasalizada [ç̃] quando seguida por vogal nasal. Em onset de sílaba inicial realiza-se opcionalmente como africada palatal surda [çç] quando seguida de vogal oral e como africada palatal surda nasalizada [ç̃ç̃] quando seguida por vogais nasais: /'çɔŋ/ ['çɔŋ] ~ ['ççɔŋ] “espinho”; /'çĩ/ ['çĩ] ~ ['ççĩ] “pernilongo”. Fricativa velar /h/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras, tanto átonas como tônicas. Realiza-se como fricativa glotal surda [h] quando seguida de vogal oral e como fricativa glotal surda nasalizada [h̃] quando seguida por vogal nasal: /'hɒ/ ['hɒ] “bom”; /'hũŋ/ ['hũŋ] “gavião”. Aproximante labiovelar /w/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras e em coda apenas na sílaba oxítônica. Em ambiente oral, realiza-se como fricativa bilabial sonora [β] em alternância livre com a aproximante labiovelar sonora [w], e em ambiente nasal como fricativa bilabial sonora nasalizada [β̃] em alternância livre com a aproximante labiovelar sonora nasalizada [w̃]: /'we/ ['βe] ~ ['we] “ver”; /'wĩ/ ['βĩ] ~ ['wĩ] “ver”. Aproximante alveolar /ɹ/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras, tanto tônicas como átonas, e em coda. Ocorre também como segundo elemento de onset complexo. Excetuando os casos de onset complexo, realiza-se com *shwa* [ə] pré-epentético. Em onset, realiza-se como tepe alveolar [r] em ambiente oral, e como aproximante alveolar nasalizada [r̃] em alternância livre com o tepe alveolar nasalizado [r̄] em ambiente nasal. Em onset de sílaba átona ocorre alternativamente como lateral aproximante alveolar [l]. O espriamento da nasalidade não é afetado pela presença de /ɹ/ em onset complexo: /'ɹɔ̃/ [ə'ɹɔ̃] “sol”; /'ɹoɹ/ [ə'ɹoɹ] “redondo”; /ɹɛ'ŋɹe/ [ə'ɹɛ'ŋɹe] ~ [ə'ɹɛ'ŋɹe] “irmão”. Em coda, realiza-se como tepe alveolar [r] em ambiente oral e alternativamente como tepe palatizado [rʲ]; em ambiente nasal ocorre como aproximante alveolar nasalizada [r̃] e alternativamente como aproximante alveolar palatizada [r̃ʲ]: /'noɹ/ [ɹ̃'noɹ] ~ [ɹ̃'noɹʲ] “buraco”; /ŋɔ̃ɹ'çɒ/ [ŋɔ̃ɹ'çɒ] ~ [ŋɔ̃ɹʲ'çɒ] “milho preto”. Aproximante palatal /j/: ocorre em posição de onset em quaisquer sílabas das palavras e em coda apenas na sílaba oxítônica. Em ambiente oral, realiza-se como aproximante palatal [j] em alternância livre com a obstruínte palatal sonora [ʝ], e em ambiente nasal como aproximante palatal nasalizada [j̃] em alternância livre com a nasal palatal [ɲ]: /'jun/ [j̃'jun] ~ [j̃'judⁿ] “chegar”; /'jũ/ [j̃'jũ] ~ [j̃'jũ] “bravo”.

1.2.2.2. Vogais

Existem catorze fonemas vocálicos no Kaingang de Cacique Doble – nove orais e cinco nasais: /a/ – realizada como posterior baixa não arredondada [ɑ] em alternância com a central baixa não arredondada [ɛ]: /^hŋɑ/ [^hŋɑ] ~ [^hŋɛ] “terra”; /ʌ/ – realizada como posterior média baixa não arredondada [ʌ] em alternância com a central média baixa não arredondada [ɜ]: /^hɪʌ/ [^hɪʌ] ~ [^hɪɜ] “marca”; /ɤ/ – realizada como anterior média alta não arredondada [ɤ] em alternância com a central média alta não arredondada [ə]: /^hmɤ/ [^hmɤ] ~ [^hmə] “rabo”; /ɛ/ – realizada como anterior média baixa não arredondada [ɛ]: /^hm.ɛ/ [^hm.ɛ] “com”; /e/ – realizada como anterior média alta não arredondada [e] em sílaba tônica e como anterior quase alta não arredondada [ɪ] em sílaba átona: /^hk.ɛ/ [^hk.ɛ] “coxa”; /pe'po/ [pɪ'po] “sapo”; /i/ – realizada como anterior alta não arredondada [i] em sílaba tônica e como anterior quase alta não arredondada [ɪ] em sílaba átona: /^hɸi'ɪi/ [^hɸɪ'ɪi] “cascavel”; /ɔ/ – realizada como posterior média baixa arredondada [ɔ]: /^hpɔ/ [^hpɔ] “pedra”; /o/ – realizada como posterior média alta arredondada [o] em sílaba tônica e como posterior quase alta arredondada [ʊ] em sílaba átona: /kɪon'kɪon/ [kɪʊŋ'kɪʊŋ] “beber, pl.”; /u/ – realizada como posterior alta arredondada [u] em sílaba tônica e como posterior quase alta arredondada [ʊ] em sílaba átona: /ku'tu/ [kʊ'tʊ] “surdo”. As vogais nasais realizam-se com a mesma qualidade de suas correspondentes orais.

1.3. Padrão silábico e acentual.

A língua Kaingang apresenta os seguintes tipos silábicos: CV /^hpu/ “cabo”; CVC /^hmɛŋ/ “machado”; CCV /^hm.ɪu/ “migalha”; CCVC /^hŋɪɪun/ “jaguatirica”. Em onset de sílabas do tipo CV(C) ocorrem todos os fonemas consonantais (/p/, /t/, /k/, /m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/, /ɸ/, /ç/, /h/, /w/, /ɬ/, /j/, /ʔ/). Já nas sílabas do tipo CCV(C) ocorrem os fonemas não coronais /p/, /k/, /m/ e /ŋ/ como primeiro elemento do onset complexo e como segundo elemento apenas a aproximante alveolar /ɬ/. Em coda ocorrem apenas os fonemas sonoros: /m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/, /w/, /ɬ/ e /j/. A língua apresenta uma profusão de palavras mono- e dissilábicas, mas foram encontradas também algumas palavras trissilábicas: σ /^hko/ “comer”; σσ /^hŋɔ'ɪɛ/ “lama”; σσσ /nunũ'nẽ/ “caracol”. O acento lexical em Kaingang é previsível, ocorrendo na última sílaba (veja os exemplos acima).

2. Prosódia³

2.1. Sílabas (σ).

O Kaingang apresenta sílabas com rimas bimoraicas do tipo (C)(C)V(C) com padrão acentual trocaico direto ($\overset{T \rightarrow}{\sigma}$). A rima pode ser formada por um núcleo bimoraico ou por núcleo e coda monomoraicos. O núcleo de proeminência silábica (μ) é marcado com tom alto ($\mu \rightarrow \overset{H}{[\mu]}$). As moras não definidas para tom H são realizadas com tom padrão (L). Há uma restrição [1] que impede que a sílaba seja maior ou menor que bimoraica. [1]: $Ma\sigma = \mu\mu$. Sílabas com núcleo bimoraico podem ser realizadas opcionalmente com núcleo bivocálico, levando-se em conta as seguintes regras:

$$\begin{aligned} & \overset{HL}{[\dots][v]}_{N\sigma} \leftrightarrow \overset{HL}{[\dots][v\bar{y}]}_{N\sigma} / \overset{HL}{[\dots][\dots][v/]}_{N\sigma} [/+surda/\dots]_{\Sigma} \\ & \overset{HL}{[\dots][v]}_{N\sigma} \leftrightarrow \overset{HL}{[\dots][v\bar{v}]}_{N\sigma} / \overset{HL}{[\dots][\dots][v/]}_{N\sigma} [/+sonora/\dots]_{\Sigma} \\ & \overset{HL}{[\dots][v]}_{N\sigma} \rightarrow \overset{HL}{[\dots][v\bar{v}]}_{N\sigma} / \overset{HL}{[\dots][\dots][v/]}_{N\sigma} [/+nasal/\dots]_{\Sigma} \end{aligned}$$

2.2. O pé (Σ).

O Kaingang é uma língua de pé com padrão acentual trocaico direto ($\overset{T \rightarrow}{\Sigma}$). O núcleo de proeminência de Σ (σ) é marcado com pico de intensidade ($\sigma \rightarrow [^{\prime}\sigma]$). Sílabas átonas (observe abaixo a restrição [3]) sofrem acomodação acústica: núcleos com vogais baixas e médias elevam meio ponto enquanto que aqueles com vogais altas rebaixam meio ponto. No dialeto de Caciقة Doble há uma restrição [2] que impede que o pé seja maior que monossilábico (o dialeto de Apucarantina (PR) permite até duas sílabas). [2]: $Ma\Sigma \Sigma = \sigma$.

³ O padrão acentual será assim designado: $\overset{J}{\sigma}, \overset{J}{\Sigma}$, etc.: Jâmbico (constituínte átono $[\sim]$ seguido de constituínte tônico $[/]$ \rightarrow $[\sim/]$); $\overset{T}{\sigma}, \overset{T}{\Sigma}$, etc.: Trocaico (constituínte tônico $[/]$ seguido de constituínte átono $[\sim]$ \rightarrow $[/ \sim]$). O núcleo de proeminência (N) corresponde ao constituínte tônico a partir do qual o padrão acentual espraia; será assim designado: $\overset{|}{\mu}, \overset{|}{\sigma}, \overset{|}{\Sigma}$, etc. A direcionalidade do padrão acentual é determinada a partir do núcleo de proeminência, e será assim consignada: $\overset{\rightarrow}{\mu}, \overset{\rightarrow}{\sigma}, \overset{\rightarrow}{\Sigma}$, etc.: oriental ou direto (para a direita); $\overset{\leftarrow}{\mu}, \overset{\leftarrow}{\sigma}, \overset{\leftarrow}{\Sigma}$, etc.: ocidental ou inverso (para a esquerda). Por exemplo, uma palavra de uma língua com pé trocaico inverso ($\overset{\leftarrow T}{\Sigma}$) seguiria o paradigma: $[\dots\sigma\sigma]_{\Sigma}^{-T}$. A recursividade dos constituintes prosódicos será assim consignada: $\overset{\rightarrow}{\mu}, \overset{\rightarrow}{\sigma}, \overset{\rightarrow}{\Sigma}$, etc.: recursividade para a direita; $\overset{\leftarrow}{\mu}, \overset{\leftarrow}{\sigma}, \overset{\leftarrow}{\Sigma}$, etc.: recursividade para a esquerda.

2.3. A palavra fonológica (ω).

Em Kaingang, a palavra fonológica tem recursividade à direita ($\vec{\omega}$), com padrão acentual jâmbico reverso ($\overleftarrow{\omega}$) (o acento recai no pé mais à direita). O núcleo de proeminência de ω (Σ) é marcado com pico de intensidade ($\Sigma \rightarrow [^1\Sigma]$), enquanto que os pés átonos sofrem a restrição [3]: $[\dots[\sigma]_{\Sigma} [\sigma]_{\Sigma} [\sigma]_{\Sigma}]_{\omega} \rightarrow [\dots[\sigma]_{\Sigma} [\sigma]_{\Sigma} [\sigma]_{\Sigma}]_{\omega} / [\dots\Sigma\Sigma\Sigma]_{\omega}$. Há uma restrição de juntura de domínio [4] pela qual ocorre abaixamento tonal e redução do acento no último pé de uma palavra fonológica em fronteira com outra subsequente, que esteja dentro de um mesmo sintagma fonológico. [4]: $[\dots^1\Sigma_i]_{\omega_1} \rightarrow [\dots^1\Sigma_i]_{\omega_1} / [[\dots\Sigma_i]_{\omega_1} [\Sigma_2\dots]_{\omega_2}\dots]_{\varphi}$.

2.4. O sintagma fonológico (φ).

O sintagma fonológico em Kaingang tem recursividade à direita ($\vec{\varphi}$) com curva acentual e tonal ascendente. Há uma restrição de limite de domínio [5] pela qual a fronteira direita de qualquer XP na estrutura sintática deve alinhar com a fronteira direita de um sintagma fonológico. [5]: $\text{Alinhe}_D XP (XP, D; \varphi, D)$. Observa-se ainda uma restrição [6], pela qual consoantes em coda na sílaba mais oriental de um sintagma fonológico são realizadas de forma não explodida. [6]: $\text{cvc} \rightarrow \text{cvc}^{\uparrow} / \uparrow[[\dots[\dots[[\text{cvc}]_{\sigma}]_{\Sigma}]_{\omega}]_{\varphi} [\dots]_{\varphi}$.

2.4.1. A relação atributiva em Kaingang.

Em Kaingang, o sintagma nominal (SN) apresenta recursividade à direita. Os complementos de SN [Comp_{SN}] estão localizados à direita do núcleo (N_{SN}): $\text{SN} = [\text{N}_{\text{SN}} + \text{COMP}_{\text{SN}} + \text{COMP}_{\text{compSN}} + \dots]_{\text{SN}}$ ⁴. Na estrutura prosódica, o núcleo e seus complementos constituem, cada qual, uma palavra fonológica – englobadas num mesmo sintagma fonológico. Portanto, SNs em Kaingang são passíveis da restrição [4]. Os exemplos *i*, *ii* e *iii* (em anexo) demonstram que o núcleo (X) de um XP e seus complementos pertencem à mesma frase fonológica, como é o caso da relação atributiva em Kaingang:

$$[[X_1] + [[X_2] + [XP_3]]_{\text{XP2}}]_{\text{XP1}} \rightarrow [[X_1]_{\omega} [X_2]_{\omega} [XP_3]_{\omega}]_{\varphi}$$

2.4.2. A relação genitiva em Kaingang.

Num sintagma determinante (SD) o sintagma genitivo (SG) localiza-se à esquerda do núcleo do SN o qual especifica: $\text{SD} = [[[SG]_{\text{compSD}} + [\text{SN}]_{\text{compSD}} + [D]_{\text{nSD}}]_{\text{SD}'}]_{\text{SD}}$. Neste caso, o

⁴ COMP = complemento; D = determinante; N = núcleo; SD = sintagma determinante; SG = sintagma genitivo; SN = sintagma nominal. Os complementos do SN são elementos de categoria lexical.

SG e o SN configuram, cada qual, um XP. Portanto, SDs são passíveis da restrição [5]. Como se pode observar pelos exemplos *ii*, *iv* e *v* (em anexo), em Kaingang dois XPs em projeção genitiva marcam limite de frase fonológica:

$$[[XP_2]_{SG} [XP_3]_{SN} [X_1]_{NSD}]_{XP1} \rightarrow [[XP_2]_{\omega}]_{\phi} [[XP_3]_{\omega} [X_1]_{\omega}]_{\phi}$$

2.5. A frase entoacional (I).

A frase entoacional em Kaingang tem recursividade à esquerda com curva acentual e tonal descendente. É regida pela restrição de fronteira de domínio [7] pela qual o primeiro pé de uma frase entoacional em contato com outra precedente torna-se tônico.

$$[7]: \text{ }_L[\Sigma \dots] \rightarrow \text{ }_L[\Sigma \dots] / [\dots]_L[\dots] \text{ }_L[\Sigma \dots] \dots]_U.$$

3. Considerações finais

A proposta deste estudo foi descrever a fonologia do Kaingang falado em Cacique Doble e tecer considerações a respeito da prosódia desta língua. Embora não exaustiva, esta descrição permitiu um avanço na compreensão de alguns aspectos e processos fonológicos do Kaingang, assim como de alguns aspectos morfossintáticos, como aqueles que distinguem a relação atributiva da genitiva.

REFERÊNCIAS

- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Basil Blackwell, p. 245-306, 1995.
- MOHANAN, K. P. Lexical phonology. Tese (Doutorado) – MIT, Massachusetts, 1982.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic Phonology. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- SELKIRK, E. Phonology and Syntax. The Relation between Sound and Structure. Cambridge: The Mit Press, 1984.
- _____. The prosodic structure of function words. In: BECKMAN, J. et al. **Papers in Optimality Theory, University of Massachusetts Occasional Papers**, Amherst, Massachusetts: GLSA, 18, p. 439-469, 1995.
- TRUCKENBRODT, H. On the relation between syntactic phrases and phonological. phrases, **Linguistic Inquiry**, 30, p. 219-255, 1999.
- WIESEMANN, U. Os dialetos da língua kaingáng e o xoklég. In: **Arquivos de Anatomia e Antropologia**, Instituto Lingüístico de Verão, 3, p. 97-217, 1978.